Engenho Velho da Federação, berço do axé

MARIA DE FATIMA DANNEMANN

Nem o axé e as bênçãos de 19 terreiros de candomblé deixam o Engenho Velho da Federação livre de problemas. Se as mães e filhas-de-santo rezam e se a associação de moradores trabalha para melhorar a situação, o bairro encravado entre a Vasco da Gama e a Federação sofre com buracos, esgotos abertos nas baixadas, violência e precariedade do transporte urbano. Não tem posto médico com dentista ou serviço pré-natal. Mas os moradores gostam de lá. O clima de amizade, as festas que acontecem no bairro, a proximidade do centro e da praia fazem com que seus moradores nem pensem em se mudar.

"Tentam em vão acabar com as águas, o que é impossível. Persistem em exterminar as matas. Como conseguir? Sempre restará uma porção, por menor que seja para que gege sobreviva e desenvolva suas atividades". A frase está na lápide logo abaixo do monumento de Mãe Runhó, o nome sagrado de Valentina Maria dos Anjos. O pedaço reservado aos geges, uma das nações do candomblé baiano, fica em um dos mais tradicionais bairros populares da cidade, o Engenho Velho da Federação. Ali, Mãe Runhó viveu e reinou quase cem anos, entre 1877 e 1975 e seu busto ocupa a principal praça do bairro do candomblé. Um espaço nobre, em outros lugares reservados a santos, padres ou heróis de guerra.

A casa de Valentina dos Anjos, que está em festa, fica na Ladeira do Bogum, que liga o Engenho Velho à Federação, e é uma das mais respeitadas do bairro que concentra várias ramificações do candomblé, ketu, angola, yorubá. Pouco sobrou da mata ideal para os rituais e culto às entidades, mas nada menos que 19 terreiros estão estabelecidos nos limites do bairro. Abençoado é. Mas nem por isto não existem problemas. "Nós temos muitos problemas e estamos lutando para resolvê-los", diz Lázaro Ferreira, coordenador da Associação de Moradores do Engenho Velho da Federação, que vem desenvolvendo diversos trabalhos. Como o comitê contra a violência, a guarda mirim e o espaço Paz e Ação, que deverá funcionar brevemente.

Universidades

Situado nas colinas e baixadas entre a Federação e a Vasco da Gama, o Engenho Velho da Federação fica perto de três universidades baianas. A Universidade Federal da Bahia (Ufba), diz o presidente do conselho de segurançca da comunidade, Orlando Barbosa, com a confirmação de Lázaro, "vem dando muito apoio e realizando um bom trabalho no bairro". A Unifacs, "bom, essa não conta, sabemos que é faculdade de burguês mesmo. Não esperamos nada". Da Universidade Católica do Salvador (Ucsal), os líderes do bairro têm muitas mágoas. "Muita gente se formou em direito fazendo pesquisas aqui e nós sempre encontramos as portas fechadas lá".

A parceria com as universidades poderiam resolver duas grandes queixas dos moradores, a falta de oportunidade de emprego e a precariedade dos serviços de saúde. "A coisa que mais está faltando aqui é trabalho. Precisamos sobreviver", queixa-se um jovem que não se identifica. "Precisamos de oportunidade de trabalho". Mulheres grávidas se queixam de que o posto de saúde do bairro não faz o pré-natal e é preciso ir até o 5º Centro, na Vasco da Gama, para consultar o médico. Lixo em algumas esquinas, buracos nas calçadas e em algumas ruas evidenciam que até a infra-estrutura urbana poderia ser melhor.

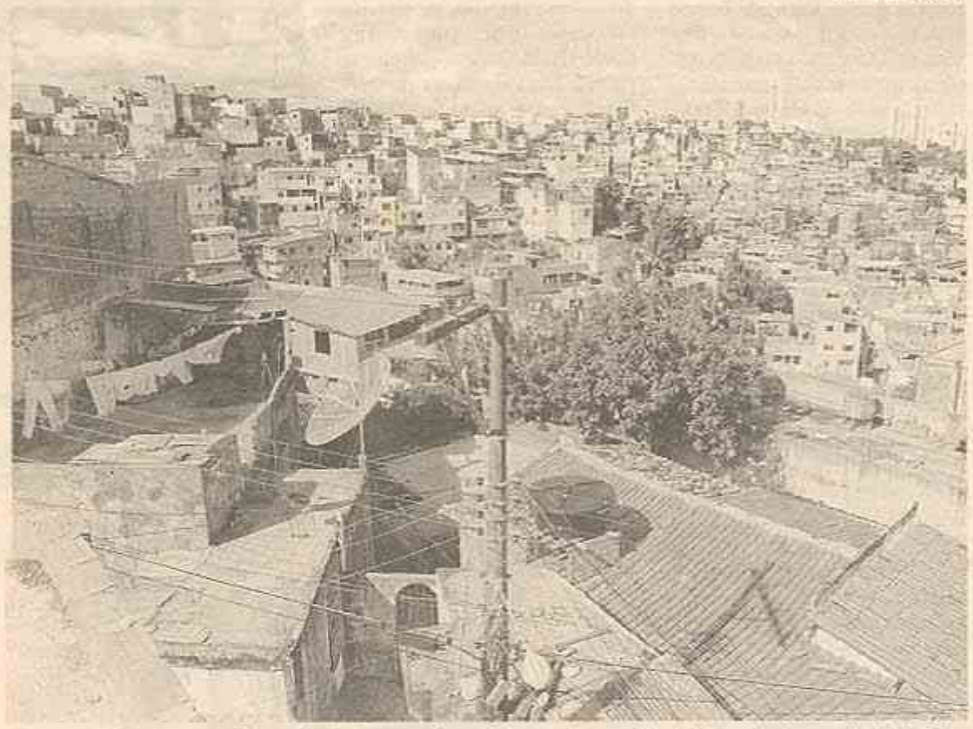
Festas

Mas nem isto tira o ânimo e a alegria do morador do bairro. Na quinta-feira à tarde, eles realizaram a lavagem da Ucsal, com batucada e cortejo de "baianas". Outras festas se realizam com freqüência nas associações comunitárias existentes. O técnico em telecomunicações Carlos Santos, ex-presidente da Associação Mogimirim, diz que a entidade sempre comemora o dia das crianças e o São João e faz distribuição de cestas básicas na semana santa. Uma forma de confraternização e de unir os moradores.

"É um bairro excelente. As pessoas se conhecem e se apóiam. Temos festas, serestas e o Bacalhau de Orlando, no Beco do Tereré, que até o pessoal do Terrasamba já veio provar", diz Edson Pereira, que mora numa das ladeiras transversais da Rua Apolinário Santana, a principal do bairro, onde se concentram o fim de linha, lojinhas, mercadinhos de conveniência e algumas escolas particulares. Mas nem por isto Edson deixa de ter queixas. "Temos poucas linhas de ônibus. Só Pirajá, Nazaré e São Caetano. Para chegarmos a Ribeira precisamos pegar dois ônibus e para ir a Barra ou à orla temos que andar até a Cardeal da Silva.

Com urbanização precária, moradores sentem falta de área de lazer

Foto: Geraldo Ataíde



Entre a Federação e a Vasco da Gama, um dos aglomerados residenciais mais densos de Salvador

Trabalho contra violência

Carlos e Edson concordam que a Polícia Comunitária e o trabalho desenvolvido pela associação de bairro melhoraram bastante o problema da violência e das drogas que proliferavam no bairro. No ano passado, mães e moradores formaram o Fórum Comunitário de Combate à Violência e o programa de guardas mirins, desenvolvido em conjunto com a Ufba, que vêm dando bons resultados.

"Mas o problema das drogas ainda é muito sério", diz Orlando Barbosa, presidente do conselho de segurança da comunidade. Além do fórum, está sendo criado o projeto Espaço, Paz e Ação, que vai trabalhar na área de emprego e renda, educação e cidadania e assistência a vítimas da violência. "Não podemos dizer que acabou a violência, porque não acabou mesmo. Mas com a polícia melhorou muito", diz uma moradora que não se identifica.

"A Ucsal fica no bairro, mas não nos ajuda em nada, reclama Lázaro. "Nos tempos em que a professora Liliane Mercuri estava na Viracom, vice-reitoria de assuntos comunitários, ela nos ajudava muito. Depois que mudou, ficamos abandonados". Com a atuação de outras universidades, além da Ufba, a vida do bairro, onde moram pessoas muito carentes, ruas pavimentadas, como a Rua das Palmeiras, becos, como a Avenida Elizabete, e até baixadas, a exemplo da Baixa da Égua.

Uso de drogas e violência diminuíram com reforço do policiamento

Várias nações em harmonia

Nos bairros da cidade, o que mais aparece são templos evangélicos. No Engenho Velho da Federação, salvo um salão das testemunhas-de-jeová, uma igreja católica e alguns templos de pequeno porte, predominam os terreiros de candomblé. Grandes, pequenos, famosos, anônimos, históricos ou recentes, eles cobrem o bairro de uma magia especial. Gege, nagô, ketu, angola, as diversas nações convivem em harmonia no seu culto à natureza através das diversas entidades ou orixás.

Dois dos mais famosos candomblés da área funcionam nos limites do Engenho Velho, a Casa Branca, e o Bogum, conhecido como gege, no fim de linha. Este é um dos únicos candomblés de tradição gege da cidade.

A convivência entre as diversas tendências é pacífica, garante Mãe Marilena, a segunda pessoa, ou *iakekere*, do Terreiro Obá To Toni, de tradição ketu.

Na seção "Seu bairro" do último dia 19, uma fotografia do Condomínio Vivendas do Rio, próximo ao Trobogy, foi equivocadamente apontada como sendo do Conjunto Flamboyants, como observou o leitor Edson Freitas, residente no Edifício Leblon, que, com o Copacabana, o Leme e o Ipanema, compõe o condomínio. São prédios de 13 andares, cuja construção, pioneira na Avenida Paralela, data de 1982.